

A MASSA NO CONTEXTO DAS REDES DIGITAIS: UMA INVESTIGAÇÃO DO CONCEITO DE MASSA INSERIDO NAS NOVAS TECNOLOGIAS¹.

Alyson Braga Fonseca

RESUMO

Este artigo tem como objetivo buscar o conceito atualizado das massas nas novas tecnologias. Desse modo, parte para uma compreensão das principais características do conceito de massa, seguido por uma análise da tecnologia digital a partir da comunicação em rede, e por fim, de uma investigação do indivíduo na contemporaneidade. Tendo em vista que o estudo das teorias tradicionais com relação às massas e a análise comunicacional e estética das novas tecnologias, com a investigação do conceito de individualismo, traz grande relevância para a compressão do indivíduo contemporâneo, realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica para a construção do presente estudo. Constata-se de que as características presentes no conceito de massa nos ajudam a entender alguns aspectos das novas tecnologias, entretanto, a sociedade em rede, não é uma sociedade de massa, pois, apresenta uma configuração comunicacional diferente da preconizada pelos autores da escola de Frankfurt.

Palavras-chave: Conceito de massa; Tecnologia digital; Rede; Individualismo.

INTRODUÇÃO

A partir de um estudo do conceito de indústria cultural, me questionei sobre como esse conceito poderia ser aplicado ao que vivemos atualmente. Partindo de uma reflexão filosófica, pude observar que ainda hoje se tem uma continuidade desse conceito no aspecto digital. Principalmente, no que toca o indivíduo e a sua relação com o que Adorno e Horkheimer abordam do conceito de massa. Com isso, pude observar que com o avanço cada vez mais emergente e atual das novas tecnologias, pensar o indivíduo

¹ O presente artigo é fruto de uma adaptação de Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Souza Aguiar.

filosoficamente, se torna quase que indispensável não abordar a temática do digital. Na nossa contemporaneidade, pensar o indivíduo é pensá-lo a partir da esfera das tecnologias digitais, pois, ele está imerso nesse ambiente, está no seu trabalho, nas suas relações pessoais, no seu cotidiano, é onde ele busca informações, onde ele busca lazer, etc.

Deste modo, a proposta deste artigo é uma investigação acerca dos aspectos das massas, ao estarem inseridas nas tecnologias digitais. É a busca por refletir sobre a validade da tese frankfurtiana da alienação das massas não só no contexto das mídias analógicas, como preconizado por aqueles autores, mas também no contexto das mídias digitais. Sendo assim, compreendendo o fenômeno das massas, partindo do indivíduo como estando inserido no ambiente digital, de modo a refletir como se situa esse indivíduo. Por isso, o artigo também aborda o conceito de individualismo, como questão atual e que toca o âmbito das tecnologias digitais. Nesse sentido, podemos estabelecer que este artigo busca agregar conhecimento no campo da filosofia e da comunicação.

Nesse sentido, o problema de pesquisa que será tratado neste artigo, é com relação ao conceito de massa e a tecnologia digital. O conceito de massa está presente nas tecnologias digitais? O que temos nas tecnologias digitais é uma manipulação de massa? Adorno e Horkheimer criticam que a indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Será que na atualidade, temos esses indivíduos inseridos no espaço virtual? Até que ponto? Desse modo, temos como objetivo compreender as principais características do conceito de massa, e analisar a tecnologia digital, partindo da investigação do indivíduo na contemporaneidade. Para alcançarmos nosso objetivo, a metodologia utilizada para realização desta monografia é bibliográfica. Tanto na pesquisa acerca dos conceitos de massa, quanto a pesquisa que será realizada com relação as novas tecnologias e o conceito de individualismo. A justificativa do presente estudo com o objeto filosófico de buscar o conceito atualizado das massas nas novas tecnologias, é primeiramente, o

estudo das teorias tradicionais com relação às massas. Seguida por uma análise comunicacional e estética das novas tecnologias, o que traz grande relevância para a compressão do nosso tempo atual, e uma investigação do conceito de individualismo, que nos proporciona uma compreensão do indivíduo contemporâneo.

O CONCEITO DE MASSA: AS MASSAS E A MASSIFICAÇÃO

Theodor W. Adorno e Max Horkheimer na obra: *Dialética do Esclarecimento*, vão trazer em um dos capítulos, o conceito de indústria cultural. A indústria cultural é responsável pela criação de um clima, que tem como objetivo preencher o cotidiano dos indivíduos, ou seja, é uma arquitetura macro que se impõe socialmente. Trata-se de um clima que “produz o brilho e o colorido que irão preencher o cotidiano cinzento das pessoas” (MARCONDES FILHO, 2014, P.248). Nesse ponto que entra a crítica dos autores, pois a indústria cultural, causa uma não reflexão no indivíduo, que vai ser manipulado pelas ideologias que estão presentes na técnica. É por conta de como a indústria cultura funciona que vai esmagar esse indivíduo, tornando-o alienado e tornando ele massa. Ou seja, a indústria cultural se trata de uma forma de se fazer política na sociedade, uma forma de se exercer o poder nas massas.

A indústria cultural vai contra o conceito de cultura de massa, termo que era defendido pelos veículos de comunicação de massa e que diziam que a cultura parte das massas. Adorno é contrário a essa posição, pois entende que a indústria cultural não apenas adapta seus produtos ao consumo de massa, mas também determina o próprio consumo. A produção da cultura, “é instrumentalizada de forma mercadológica a ponto de ser caracterizada como indústria cultural”. (ZUIN; PUCCI; LASTÓRIA, 2015, p. 100). Ou seja, a indústria cultural, aliada a ideologia capitalista e o progresso da técnica, vai transformar a cultural não em um ambiente de livre expressão, de crítica e conhecimento, mas sim em um produto que se caracteriza como um bem de consumo.

Quando os autores dizem que “toda cultura de massa é idêntica”, eles estão se referindo a produção e a reprodução dos produtos que tem um mecanismo econômico de seleção. Pois, tudo o que é produzido na indústria cultural passa por um filtro, uma tabela, “o mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural”. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p.104). Que é sempre consumido por indivíduos que não questionam o que consomem, portanto, Adorno e Horkheimer vão enfatizar que a indústria cultural se desenvolve com os avanços dos detalhes técnicos, e mesmo assim, a sociedade permanecia irracional, mesmo com toda a racionalização.

Considerando esses aspectos, podemos constatar que a indústria cultural se trata de indústria quando se refere a padronização e a uniformização dos produtos. Ou seja, aquela reprodução e produção que se baseia em uma constante repetição, essa é a racionalização das técnicas de distribuição. Entretanto, a indústria cultural não se reduz apenas ao termo de indústria, ou apenas ao processo de industrialização, pois a indústria cultural não é apenas um processo de produção. Mas também é a sua causa, e a indústria cultural causa uma consolidação de uma individualidade danificada.

Para a indústria cultural, o homem é um ser genérico, o indivíduo é substituível, ou seja, o puro nada. Nesse tratamento do homem como apenas consumidores ou empregados, a indústria cultural acabou reduzindo toda a humanidade a essa fórmula. Todos são tratados como objetos. As massas estão submetidas ao sistema criado pela indústria cultural, que usa das fórmulas para alienar, enganar e dominar, sendo assim, elas estão submetidas a coerção do sistema. Nesse sentido, destaca-se a indústria cultural como um “estado avançado de “barbárie cultural” capaz de produzir ou acelerar a degradação do homem” (COELHO, 1993, p. 14). Faz com que seu comportamento, e principalmente sua rebeldia, sejam sempre controladas. Ela será responsável por domar os instintos revolucionários das massas, impedindo de que se rebelem contra o que é imposta a elas.

O objetivo central da indústria cultural é de ocupar o tempo das pessoas e desacostumar a reflexão, para que elas não pensem. Tudo o que exigir algum esforço intelectual é totalmente evitado, o pensamento é massacrado nos produtos da indústria cultural. Ou seja, a indústria cultural, combate um inimigo. Esse inimigo é o ser pensante, é aquele capaz de criticar e agir contra certas ideologias de dominação.

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais. Toda ligação lógica que pressuponha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. (ADORNO, T., HORKHEIMER, M, 2006, p.113)

Para que se concretize essas ações da indústria cultural, é usado para isso duas formas de promessas ao indivíduo. Ambas as promessas não são cumpridas, essa é a forma de como a indústria cultural manipula o indivíduo, as promessas estão ligadas com a ideia de espetáculo, ou seja, nunca chegara a ser a coisa mesma. A primeira é a promessa de afirmação da individualidade de escolha: acontece quando o consumidor pensa que pode escolher entre esse ou outro produto, mas todos são os mesmos. A mesma ossatura conceitual que está presente em todos os produtos da indústria cultural. Portanto, não existe escolha do indivíduo, ele consome o que lhe é imposto (ZUIN; PUCCI; LASTÓRIA, 2015). A segunda forma de promessa é o desejo em privação, prometer e não cumprir, ou seja, oferecer e privar. Com isso cria necessidades retroativas, “no círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coeso”. (ADORNO, T., HORKHEIMER, M, 2006, p.100), o consumidor deve contentar-se com que lhe é oferecido. Fazendo assim, com que o indivíduo permaneça sempre dependente, incapaz de julgar e de decidir conscientemente.

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o

espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio. Ao desejo, excitado por nomes e imagens cheios de brilho, o que enfim se serve é o simples encómio do quotidiano cinzento ao qual ele queria escapar. (ADORNO, T., HORKHEIMER, M, 2006, p.115).

O indivíduo tem que pensar que pode ter, mas ele nunca terá o que realmente deseja. Assim como uma pessoa que vai em um restaurante e só pode olhar o cardápio. “Oferecer-lhes algo e ao mesmo tempo privá-las disso”. (ADORNO, T., HORKHEIMER, M, 2006, p.116). Assim também os consumidores, que vem exposto repetidamente o objeto de desejo, mas nunca vão ter. É apresentado as necessidades como podendo ser realizadas pela indústria cultural, mas ela nunca é concretizada, para que o indivíduo sempre volte e busque realizar essa necessidade, se tornando assim um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural.

Jean Baudrillard na sua obra: *A Sombra das Maiorias Silenciosas, O fim do social e o surgimento das massas*, busca dar as características das massas. De acordo com o autor, elas são resistentes a qualquer forma de organização social e planejada.

Quando o filósofo se refere a massa, ela é caracterizada por ser um referente esponjoso, realidade ao mesmo tempo, opaca e translúcida, atravessadas por correntes e fluxos. De acordo com Baudrillard, “massa”, quer dizer que elas absorvem toda eletricidade do social e do político e as neutralizam, sem retorno. As massas não são boas condutoras, tudo as atravessa. Elas são a inércia, a força da inércia, a força do neutro. Ou seja, as massas são irredutíveis a qualquer prática e a qualquer teoria.

É nesse sentido que a massa é característica de nossa modernidade, na qualidade de fenômeno altamente implosivo, irredutível a qualquer prática e teoria tradicionais, talvez mesmo irredutível a qualquer prática e a qualquer teoria simplesmente. (BAUDRILLARD, Jean. 2006, p.05)

Para o filósofo as massas não têm sentido, por conta disso, massa não é conceito. Não tem como procurar sentido no que não tem sentido. Pois, a massa é sem atributo, sem predicado, sem qualidade e sem referência. Algo neutro, portanto, nem um e nem

outro. Nas massas são produzidas a impossibilidade de circulação de sentido e também o que produz a impossibilidade para a massa de serem alienadas.

“massa”, o que quer dizer que elas absorvem toda a eletricidade do social e do político e as neutralizam, sem retorno. Não são boas condutoras do político, nem boas condutoras do social, nem boas condutoras do sentido em geral. Tudo as atravessa, tudo as magnetiza, mas nelas se dilui sem deixar traços. E na realidade o apelo às massas sempre ficou sem resposta. Elas não irradiam, ao contrário, absorvem toda a irradiação das constelações periféricas do Estado, da História, da Cultura, do Sentido. Elas são a inércia, a força da inércia, a força do neutro. (BAUDRILLARD, Jean. 2006, p.05)

De acordo com Baudrillard, a massa é a admirável conjunção dos que nada tem a dizer e das massas que não falam. Pois, “as ideias” somente penetram nas massas ao preço de um desvio de uma distorção radical. Para o filósofo a massa se caracteriza como um gigantesco buraco negro, ela inflete, submete e distorce inexoravelmente todas as energias e radiações luminosas que se aproximam.

Um exemplo dessa distorção que faz as massas, é com relação à informação, pois ela reduz todos os discursos articulados a uma única dimensão irracional e sem fundamento. Ou seja, os signos perdem os sentidos e só o que resta é a fascinação, o espetáculo.

Posto essas características com relação às massas, é difícil afirmar que elas podem ser manipuladas, alienadas ou mistificadas. De acordo com Baudrillard, elas não são mistificadas. Pois, se trata de um trabalho de absorção e aniquilação da cultura, do saber, do poder e do social. Portanto, o poder não manipula nada e as massas não são nem enganadas e nem mistificadas.

Diante desse cenário das massas, é possível colocar a questão, por que isso ocorre? Por que existe essa neutralidade das massas, essa absorção dos poderes, de onde vem essa indiferença? Nas palavras de Baudrillard:

A indiferença das massas é a sua verdadeira, sua única prática, porque não há outra ideal para inventar, não há nada a deplorar, mas tudo a analisar a respeito disso como fato bruto de distorção coletiva e de recusa de participar dos ideais todavia luminosos que lhes são propostos. (BAUDRILLARD, Jean. 2006, p.11)

Portanto, podemos compreender que o problema das massas não está no engano, na alienação ou na mistificação, para Baudrillard. Está na decadência da política, do poder, do social, todos absorvidos pelas massas, pelo seu silêncio. Essa é a maioria silenciosa, ou seja, as massas, estão imersas na sua indiferença, no seu hiperconformismo, no seu silêncio que os absorve, ou seja, “todos os poderes acabam por se arruinar silenciosamente nessa maioria silenciosa, que não é nem uma entidade, nem uma realidade sociológica, mas a sombra projetada pelo poder, seu abismo no vácuo, sua forma de absorção.” (BAUDRILLARD, Jean. 2006, p. 26)

De acordo com Baudrillard, o único fenômeno que é conservado pelas massas é o do espetáculo, da fascinação, do simulacro. É também dessa forma que as massas tratam o político, não são influenciadas pela ação política ou pelo discurso, não teria como, pois nas massas se produz a impossibilidade de circulação de sentido. Sendo assim, a única coisa que resta é o espetáculo. O político é considerado como espetáculo, “como divertimento semi-esportivo, semilúdico”. (BAUDRILLARD, Jean. 2006, p. 21). Entendemos, então, que não é possível que as massas se comportem como sujeitos ou objetos na esfera política, isso porque toda a mensagem que é voltada para ela, é absorvida, revirada e revertida, restando apenas aquilo que as massas conservam que é o espetáculo.

A REDE E A TECNOLOGIA DIGITAL

A massa é forjada por uma mídia de disseminação da mensagem, nesse cenário temos uma comunicação analógica, ou seja, o emissor e o receptor, em uma comunicação vertical. Aqui é onde os economicamente mais poderosos que tinham o acesso a esses meios de comunicação, promoviam o controle da informação e assim

controlam as massas. Adorno e Horkheimer (1947). A rede irá apresentar outra configuração, não é mais uma configuração de massificação, ou de disseminação da mensagem, aqui todos são emissores e receptores, uma comunicação horizontal.

Pierre Musso na sua obra: *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Traz a reflexão do conceito de rede principalmente ligado as questões de mudança social. Nas palavras de Musso, “ela é prótese técnica de utopia social”. (MUSSO, Pierre. 2013, 34) O que atualmente podemos definir como verdadeiras revoluções, como por exemplo: as tecnologias de comunicação, e a internet. Quando tratamos da utopia da rede, estamos nos referindo ao fato de que “a rede indica um futuro libertador, ela é uma promessa de uma circulação generalizada e libertadora de fluxos de informações e ondas econômicas” (MUSSO, Pierre. 2013, 34). Ou seja, estamos nos referindo a utopia de uma democracia planetária por meio da rede, como foi discutida pelos saint-simonianos².

Diante desse cenário das redes, é possível colocar a questão: será que a rede, com o avanço das tecnologias de comunicação e com o digital, traz consigo uma verdadeira democracia, que é igualitária e autorregulada?

De acordo com Musso, a rede, primeiramente, apresentando uma sociedade transparente, consensual e democrática, que seria fruto de uma “democracia eletrônica”, mas que acaba vindo de encontro com os interesses dos empresários, que veem a rede como oportunidade de mercado e de comércio personalizado. Pensando nessas duas características com relação à rede, Musso ressalta o carácter biface da rede. Que por um lado é o “inferno do controle”, e pelo outro é o “paraíso da circulação”. Os que não acreditam na rede como um meio para se alcançar a democracia vão criticar a possibilidade que a rede oferece para os mais poderosos controlarem o planeta. Os que

² Discípulos do filósofo Saint-Simon, que acreditava que a nova organização do planeta em redes, promoveria uma comunhão universal.

tem uma concepção mais positiva com relação à rede, os defenderão, e iram apontar o poder de descentralização da periferia, que a rede permite.

A rede tem uma dinâmica própria, que é de um constante movimento, e nós estamos nela como passantes nesse fluxo contínuo. Um fluxo de “informações, de imagens, de sons, de dados” (MUSSO, Pierre. 2013, 36). Ou seja, “o presente é passagem, transição, movimento. Não há mais necessidade de operar a mudança social, ela se faz permanentemente”. (MUSSO, Pierre. 2013, 37). Sendo assim, de acordo com Musso, a rede se torna o fim e o meio para realizar as transformações sociais e revoluções em nosso tempo.

Gilles Deleuze e Felix Guattari na obra: *Mil Platôs Vol. 1*, na sua introdução, os autores tratam do conceito de rizoma. O objetivo de trazer o rizoma para esse artigo é com o intuito de explicar a noção de rizoma, mas não apenas como um conceito e sim utilizando-o para que possamos pensar a questão contemporânea das redes.

O conceito de rizoma é originalmente retirado da botânica, rizoma é uma raiz descentralizada, sem tronco e que se multiplica no subterrâneo ou na superfície do solo. O rizoma está presente nas plantas como a bananeira, as samambaias, bambus, etc. São exatamente essas características que aparecem no rizoma da botânica, que Deleuze e Guattari introduzem no seu conceito: “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.14). Ou seja, a gênese do conceito de rizoma, se refere a um caule que cresce em plantas específicas, que tem formas diversas, é múltiplo e ramificado.

Entretanto, antes de nos aprofundarmos na noção de rizoma se faz necessário, primeiramente, deixar claro que Deleuze e Guattari em sua obra, estão propondo uma contraposição de dois pensamentos. O conceito rizoma é um modelo epistemológico da

filosofia de Deleuze e Guattari, e o que vai à contraposição dessa ideia, é o modelo da árvore como estrutura epistemológica.

Deleuze e Guattari afirmam que até o Iluminismo, a árvore representava a imagem do pensamento e do conhecimento hierárquico, ou seja, era a forma estrutural da sociedade moderna. Nas palavras dos autores, “a árvore já é a imagem do mundo, ou a raiz é a imagem da árvore-mundo” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.12). Ela representava a unidade superior baseada na força de suas raízes bem enterradas na terra, ligando por um tronco os galhos que atingiriam o céu e infinito. A imagem da árvore caracteriza o enraizamento estático, a genealogia e as hierarquias fundadas em uma única base. A árvore é o fundamento do pensamento ocidental clássico.

A Árvore ou a Raiz enquanto imagem, continuam desenvolvendo a lei do Uno que se torna dois, depois dois que se tornam quatro... A lógica... A lógica binária é a realidade da árvore-raiz. Mesmo uma disciplina tão ‘avançada’ como a linguística guarda como imagem de base essa árvore-raiz, que a prende a uma reflexão clássica. (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.11)

De acordo com Deleuze e Guattari, o rizoma apresenta uma contraposição radical ao modelo de árvore. Pois, ao contrário do que é apresentado na árvore, um rizoma não é feito apenas de unidades conectadas, mas sim de direções moventes, dimensões que se movem, que se contrapõem. Segundo os autores, “uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas” (DELEUZE & GUATTARI, 2000, p.21). O rizoma não tem começo e nem fim, sempre um meio por onde ele cresce e se transborda. Sem sujeito e sem objeto, ou seja, descentralizado, sem um centro e uma periferia, sem controle e sem controlados. O rizoma pode sempre perder ou ganhar elementos sem perder sua integridade, diferente das estruturas. O rizoma possui uma mobilidade essencial que torna possível sua transformação permanente. Nesse sentido, a grande característica do rizoma é a sua constante transformação.

Tendo os princípios e as características da noção de rizoma colocado, podemos nos propor a fazer uma reflexão a partir desse conceito de rizoma que foi apresentado por Deleuze e Guattari. Desse modo, nos propomos a pensar a questão contemporânea das redes em contraposição com a comunicação analógica, de um lado as redes, que apresenta características semelhantes à noção de rizoma, e as mídias analógicas que remetem a ideia de árvore.

A história da comunicação, nos seus grandes paradigmas comunicativos, é uma história de manutenção do antigo modelo de um emissor e um receptor. Esse é o que caracteriza o modelo da comunicação analógica, se trata de uma estrutura de comunicação hierárquica, onde poucos são os emissores e muitos os receptores. Essa comunicação analógica remete a ideia de árvore, que está sempre ligada a um tronco, com suas raízes enterradas na terra e com os galhos que tem um grande alcance. Ou seja, a mídia de massa é hierárquica e arborescente. Conforme as técnicas de informação foram avançando, as mídias analógicas de disseminação em massa, como a televisão, o rádio, jornal, etc. Principalmente no século XIX e no século XX, esse poder hierárquico da comunicação foi potencializado.

Com o advento das redes e da tecnologia digital, se tem uma ruptura desse modelo de comunicação arborescente, como queria Deleuze e Guattari, e a comunicação passa a assumir essa forma rizomática.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo 'ser', mas o rizoma tem como tecido a conjunção e...e...e (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p.37)

Rede se trata de uma organização com linhas verticais e horizontais irregulares, um conjunto de linhas, um caminho que chega a vários nós. A internet, como tecnologia digital, é uma rede distribuída, sendo a internet uma rede que conecta várias redes. Sendo assim, a rede é descentralizada, assim como o rizoma, rompe com a ideia de um

centro emissor e uma periferia receptora. A rede, se conecta com qualquer ponto e é linear, está sempre em mudança. É nessas características que as redes se aproximam do conceito de rizoma.

Manuel Castells, em sua obra: *A Sociedade em Rede*, o sociólogo, busca uma análise aprofundada da dinâmica econômica e social da nova era da informação em rede. Uma das principais questões que podemos fazer para compreender a análise de Castells é: o que significa habitar em um mundo em rede? Ou seja, o que é estar em uma sociedade em rede?

A sociedade em rede não tem uma estrutura central. Ela é alimentada por uma rede descentralizada de micro raízes que se reproduzem continuamente. Nesse sentido, temos aqui o rompimento com a velha dicotomia, aquela de um centro emissor e de uma periferia receptora, como mencionado no subcapítulo anteriormente. Uma sociedade em rede não tem uma estrutura central, ou seja, a sociedade de distribuição piramidal, com um emissor e um receptor, sofreu a concorrência de uma sociedade reticular, uma sociedade em rede, que tem uma integração em tempo real.

Desse modo, habitar em um mundo em rede, é estar inserido em um universo de terras estranhas, onde se tem o visível e o invisível, o intocável e o tocável. As redes colocam cada vez mais complexidade e contradições na nossa existência humana. Ou seja, viver em um mundo reticular, rizomático, um mundo em rede, é viver em um mundo de contradições e complexidades cada vez maiores.

Castells, aponta os principais efeitos da tecnologia da informação, nessa nova era da informação. Para o autor, as redes refletem e criam culturas distintas, além de proporcionar mudanças no âmbito econômico e social. Castells apresenta as redes interativas de computadores como meios de comunicação que podem ser moldados e moldam a vida das pessoas. Nesse sentido, o que acontece é a criação de uma

personalização dos gostos de cada indivíduo. Ou seja, é uma produção e distribuição de multimídias e de comunicação que são personalizadas para cada um.

Sendo assim, de acordo com Castells, o que temos nessa realidade em rede são mudanças drásticas no âmbito social. Alguns exemplos de tomada da palavra que proporcionam mudanças sociais são: enfraquecimento do patriarcado, redefinições fundamentais das relações, uma consciência ambiental, movimentos sociais fragmentados, etc. Nas palavras de Castells: “em um mundo de fluxos globais de riquezas, poder e imagens, a busca da identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significação social”. (CASTELLS, 1999, p.41). Ou seja, o que temos como base religiosa ou ética, acaba se tornando a principal. Algumas das consequências desse fenômeno, Castells aponta a “desestruturação das organizações, deslegitimação das instituições, enfraquecimento de importantes movimentos sociais e expressões culturais efêmeras”. (CASTELLS, 1999, p.41). Nesse sentido, o que se tem são duas oposições de esferas distintas, de um lado, aquilo que é a identidade particular do indivíduo e as redes globais de comunicação que conectam pessoas e grupos. Ou seja, uma oposição entre a Rede e o Ser.

Desse modo, Castells aponta duas perspectivas que se mostram com relação essas mudanças proporcionadas pelas comunicações em rede. Os mais otimistas pregam uma nova era, uma nova era de organização e de tendências sociais. Por outro lado, outros autores apontam “o fim da história e, de certa forma, o fim da razão”. (CASTELLS, 1999, p.42) O que se apresenta nessa perspectiva, de acordo com Castells, é uma aceitação total da individualização como forma do comportamento contemporâneo.

O INDIVIDUALISMO E A PÓS-MODERNIDADE

Tendo por base, o conceito já investigado de massificação, e entendendo as principais características da tecnologia digital a partir do modelo de rede, vistos

anteriormente, os resultados destes estudos sugerem que as tecnologias digitais facilitam e provocam cada vez mais o indivíduo a adentrar a si mesmo, nos seus próprios desejos, nas suas vontades, necessidades e preferências. Sendo assim, se faz necessário um aprofundamento mais reflexivo do conceito de individualismo.

Zygmunt Bauman, toma como referência a obra do psicanalista Freud (1856–1939), na sua obra: *O mal-estar na civilização*, que mostra a modernidade com os seus problemas de ordem psicológica, que segundo Bauman, eram oriundos de uma ausência de liberdade. Pois, a vida na modernidade tinha uma segurança muito sólida, tudo pré-determinado, uma organização estabelecida, porém, com pouca liberdade. Enquanto no mundo pós-moderno, segundo Bauman, se tem uma liberdade maior, uma liberdade de procura do prazer, que acaba tolerando uma segurança pequena.

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais. (BAUMAN, Zygmunt. 1998, 10).

Para designar o mundo contemporâneo, Bauman não chama de pós-moderno, mas de modernidade líquida. Uma metáfora proveniente da química, a partir dos estados da água. Nesse sentido, o mundo moderno teria uma lógica mais sólida, mais pesada, clássica, precisa. Por outro lado, a pós-modernidade se caracteriza como sendo líquida, leve, fluída, uma liquidez das nossas relações, das nossas vidas. Pois, o líquido assume várias formas, não tem uma forma única. Sendo assim, se trata de uma passagem do sólido (modernidade), para o líquido (pós-modernidade), ou modernidade líquida.

Vivemos, portanto, de acordo com Bauman, em uma “sociedade líquida”. Essa sociedade líquida, opõe-se à sociedade sólida, onde as estruturas da organização comum seriam criadas coletivamente. Na sociedade líquida a única referência é o indivíduo integrado por seu ato de consumo. O status social, a identidade ou o sucesso são definidos apenas em escolhas individuais e podem variar, flutuando rapidamente,

dependendo dos requisitos de flexibilidade. Bauman, define as relações sociais como sendo mais e mais intangíveis na sociedade de atual.

A pureza no pós-moderno é alcançada na tentativa de incriminar aqueles que não estão inclusos no consumismo. Nas palavras de Bauman: “a busca da pureza pós-moderna expressa-se diariamente com a ação punitiva contra os moradores das ruas pobres e das áreas urbanas proibidas, os vagabundos e indolentes”. (BAUMAN, Zygmunt. 1998, 26). Nesse sentido, temos na pós-modernidade um esforço para eliminar o coletivo e exaltar o individual, sempre na lógica de desregular e privatizar.

Michel Maffesoli na sua obra: *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, traz a contraposição da lógica individualista, onde o indivíduo se apoia em uma identidade separada e fechada em si mesmo, abordando as configurações sociais que ultrapassam o individualismo. Assim como a lógica da *persona*, que segundo Maffesoli, “só existe na relação com o outro”. (MAFFESOLI, Michel. 1998, 14). A lógica da *persona*, como sendo da pessoa que vai depender do outro, está ligado muito mais ao que nos une do que ao que nos separa. Essa união é o que o autor irá denominar como neotribalismo, segundo Maffesoli, o desenvolvimento tribal pode ser percebido na nossa paisagem urbana, no nosso cotidiano: “As diversas aparências “punk”, “kiki”, “paninari”, que exprimem muito bem a uniformidade e a conformidade dos grupos são como outras tantas pontuações do espetáculo permanente que as megalópoles contemporâneas oferecem”. (MAFFESOLI, Michel. 1998, 16) Maffesoli destaca o caráter das relações de simpatia entre o eu e o outro, de acordo com o autor, essa seria a alavanca metodológica para se compreender o mundo contemporâneo.

Maffesoli nos coloca a relação da vivência em conjunto na sociedade, em contraposição com a ideia de uma autonomia individual, do individualismo. Uma das principais questões que poderíamos fazer para pensar essa temática, é: a autonomia individual é o horizonte intransponível de toda a vida em sociedade?

Ora, o princípio da individualidade é em muitos momentos contestado pelo autor, na nossa contemporaneidade, de acordo com Maffesoli, observamos “atitudes grupais que salpicam a vida de nossas sociedades”. (MAFFESOLI, Michel. 1998, 41). Ou seja, o individualismo, segundo o autor, acaba se contrapondo com as atitudes da nossa atualidade. A crise do individualismo significa a ascensão do tribalismo, o tribalismo são pequenos grupos que se agregam em nome de um gosto em comum. Esse gosto em comum pode ser variado, múltiplo. Ou seja, para Maffesoli, não estamos dentro de uma época do individualismo. O individualismo como conceito filosófico está em crise na contemporaneidade, justamente, porque o indivíduo racional, que tinha a condição de liberdade, de autodeterminar, entra em crise também.

O que se mostra nas tribos são as emoções e a sensibilidades vividas em comum, nas palavras de Maffesoli: “digamos que nas massas que se difractam em tribos, ou nas tribos que se agregam em massas, esse reencantamento tem como cimento principal uma emoção ou uma sensibilidade vivida em comum”. (MAFFESOLI, Michel. 1998, 42). As tribos podem de muitas formas, aparecerem com uma perturbadora ambiguidade. Sendo consideradas até mesmo bárbaras. Entretanto, de acordo com Maffesoli, em muitos momentos da história, foi da barbárie, que se teve uma regeneração da civilização.

Gilles Lipovetsky, defensor do individualismo, faz uma análise do narcisismo pós-moderno, com a valorização do ego, a partir do hiperindividualismo como movente das normas da nossa sociedade. Ou seja, o autor trata dos processos de individualismo na pós-modernidade.

De acordo com Lipovetsky, o hiperindividualismo é uma das características das nossas sociedades liberais. Ou seja, o individualismo é a nova configuração de soberania do indivíduo em relação ao coletivo. Entretanto, pensar a sociedade como estando em uma ascensão do individualismo vai à contramão do pensamento de Michel Maffesoli, como observamos anteriormente, nas palavras de Lipovetsky:

A hipótese que formulei sobre o avanço do hiperindividualismo, sempre tão característico das nossas sociedades liberais, mesmo se a época é mais grave, mais inquieta e mais ansiosa que no começo dos anos 80, parece-me ainda válida. Sob muitos aspectos, ao contrário do que se diz com frequência, quando se fala de tribos, clãs, de novas comunidades, não há, de forma alguma, esgotamento do individualismo, mas disseminação em espiral da sua dinâmica. (LIPOVESKY, Gilles. 2004, 20)

O que caracteriza o que individualismo na atualidade, de acordo com Lipovesky, é a obsessão de si mesmo, o narcisismo, o neoindividualismo contemporâneo está ligado com o cuidado com o corpo, um culto pelo corpo, desde academias, cirurgias plásticas, estilo de vida *fitness*, etc. São reveladoras da ação da cultura do corpo. Nesse sentido, o individualismo atual está mais ligado com controle sobre si, do que por um simples prazer, ou com um deleite. Ou seja, não se trata apenas de um hedonismo qualquer, ou só de uma paixão por si mesmo, mas sim “de tomada de posse do seu corpo e de sua vida”. (LIPOVESKY, Gilles. 2004, 20). Uma realização de si, tendo liberdade de construir a sua própria vida, sem limites, podendo autodeterminar sua existência, que também está ligada ao consumo, funcionando até mesmo como estímulo para a existência.

Sendo assim, o indivíduo da pós-modernidade está com os seus objetivos focados em si mesmo. Mesmo estando inserido em grupos, ou em microgrupos, de acordo com Lipovetsky, não se tem uma sociabilidade, tal como Maffesoli apontava, de emoções coletivas, mas sim, o que prevalece é a forma como cada um quer ser autônomo, tendo um controle soberano sobre si mesmo no seu ambiente.

É a mobilidade e a autonomia que estão inseridas no individualismo, entretanto, de acordo com Lipovesky, elas são também acompanhadas de custos emocionais e comportamentais, tais como: “da ansiedade, da depressão, de perturbações psicopatológicas comportamentais diversas”. (LIPOVESKY, Gilles. 2004, 21). Isso acontece, pois, anteriormente o indivíduo se constituía pelas normas sociais coletivas, porém, com o narcisismo, o indivíduo tem que se construir sozinho.

CONCLUSÃO

Como percurso elaborado desde o início desta pesquisa monográfica, o objetivo era o de compreender as principais características do conceito de massa, analisando a no contexto da tecnologia digital, partindo de uma investigação do indivíduo na contemporaneidade. Buscando responder à pergunta central da reflexão: O conceito de massa está presente nas tecnologias digitais?

A principal contribuição deste estudo é a abertura do diálogo entre a filosofia, comunicação e a tecnologia. Partindo dos conceitos filosóficos, buscando compreender a contemporaneidade a partir das novas tecnologias de comunicação. Nesse sentido, o que se mostra como o principal limite da monografia está também diretamente ligado com a sua contribuição, pois, como a questão acaba incluindo esses campos do conhecimento, o que se perde, de certa forma, é um aprofundamento mais preciso nos principais conceitos. Como esta monografia dialoga com diferentes autores, e com perspectivas até mesmo contrárias uma das outras, com o objetivo de responder à questão inicial, o caminho que se seguiu foi o de captar aquilo que era de uma maior relevância de cada autor. Ou seja, o que se abre para possibilidades de estudos no futuro, é exatamente esse aprofundamento nos conceitos, um mergulho maior nas principais características.

Deste modo, o que se seguiu na pesquisa foi em torno deste objetivo específico e do problema de pesquisa. Primeiramente com uma elaboração das principais características do conceito de massa, seguido por uma análise das tecnologias digitais, e por fim, com a investigação do conceito de individualismo. Ou seja, o que se construiu no entorno dessa pesquisa, pode ser dividido em três momentos: o conceito de massa, a tecnologia digital, o conceito de individualismo.

Foi possível concluir claramente uma contradição entre o conceito massa e aquilo que é o valor da individualidade, principalmente nas tecnologias digitais. Porém, mesmo com essa contradição, existem aspectos do conceito da massa que está inserido nas

tecnologias digitais, assim como, aspectos do individualismo. Ou seja, o que impõe a constatação de que as características presentes no conceito de massa nos ajudam a entender alguns aspectos das tecnologias digitais, entretanto, a sociedade em rede não é uma sociedade de massa, pois, apresenta uma configuração comunicacional diferente da preconizada pelos autores da escola de Frankfurt.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.

_____. Teoria da semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 17, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sombra Das Maiorias Silenciosas - o Fim do Social e o Surgimento Das Massas**. Tradução de Suely Bastos. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

_____. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 1991.
CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

COELHO, Teixeira. **O que é a Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

DELEUZA, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. (Coleção TRANS)

LIPOVETSKY, Gilles. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

_____. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Editora Manole, 2005.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicologia ou mediologia? : a fundação de um campo científico da comunicação.** São Paulo: Editora Paulus, 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário da comunicação.** São Paulo: Editora Paulus, 2009.

MUSSO, Pierre. **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação.** Organizador: André Parente. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

ZYGMUNT, Bauman. **O mal-estar da pós-modernidade.** Tradução de Mauro Gama; Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade Líquida.** Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

ZUIN, Antônio. **Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural.** Cad. CEDES, Campinas, v. 21, n. 54, p. 9-18, ago. 2001. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622001000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 jul. 2020.

_____. **10 lições sobre Adorno.** In: ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2015. (Coleção 10 Lições)